



Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico Da Sífilis Congênita No Brasil: Uma Análise Da Última Década

Autores: CAMILLE MOREIRA BAPTISTA DA SILVA (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA), SAMUEL SOTERO LOURENÇO (UNICEPLAC - CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PLANALTO CENTRAL APPARECIDO DOS SANTOS), ATHINA KATLYN SOUSA GARCIA (ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE), RENATA NEMER TEIXEIRA (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA), MANUELLA VILELA ALVES DE CASTRO (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA), FELIPE CAMILO SANTIAGO VELOSO (UNICEPLAC - CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PLANALTO CENTRAL APPARECIDO DOS SANTOS)

Resumo: A sífilis congênita representa um desafio de saúde pública no Brasil e no mundo, sendo agravo de notificação compulsória e indicador da qualidade da atenção pré-natal. A infecção por *Treponema pallidum* associa-se a desfechos adversos como abortamento, natimortalidade, óbitos neonatais entre outros. "Demonstrar o perfil epidemiológico de pacientes acometidos com sífilis congênita no Brasil entre 2014 e 2024." Trata-se de um estudo ecológico, com dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do DATASUS. Foram incluídos casos notificados de sífilis congênita no Brasil, no período de 2014 a 2024. As variáveis analisadas foram números de "casos diagnosticados por ano", "região de notificação", "faixa etária", "sexo", "raça/cor", "classificação final", "evolução", "perfil materno" e "aspectos do pré-natal". A pesquisa utilizou dados secundários e de domínio público, dispensando aprovação ética. Foram registrados 250.310 casos no período analisado, sendo o maior número em 2021, com 27.104 casos (10,8%). A Região Sudeste concentrou 108.874 registros (43,5%), seguida pelas regiões Nordeste com 72.113 (28,8%), Sul com 33.332 (13,3%), Norte com 21.364 (8,5%) e Centro-Oeste com 14.627 (5,8%). A significativa maioria dos casos foi diagnosticada nos primeiros seis dias de vida, correspondendo a 237.357 casos (94,8%). A distribuição por sexo foi semelhante, sendo 118.635 registros do sexo feminino (47,3%) e 116.677 (46,6%) do masculino. Em relação à raça/cor, 129.966 eram parda (51,9%), 61.586 (24,6%) branca, 11.382 (4,5%) preta, 728 (0,3%) indígena, 576 (0,2%) amarela e 18,4% dos registros constavam como "ignorado". Quanto à classificação final, 232.846 casos (93,0%) foram registrados como sífilis congênita recente, 405 (0,1%) como sífilis congênita tardia, 9.550 (3,8%) como natimorto/aborto por sífilis e 7.509 (3,0%) como "descartado". A evolução mais comum foi a criança permanecer viva, com 218.966 casos (87,4%), seguida por 3.425 óbitos por sífilis congênita (1,4%). No que tange ao perfil materno, a maioria das mães tinha entre 20 e 24 anos (85.410 casos, 34,1%), seguida pelas faixas de 25 a 29 (53.387, 21,3%) e 15 a 19 anos (53.359, 21,3%). Quanto à escolaridade, 67.554 mães (27,0%) apresentavam ensino fundamental incompleto. Sobre os casos de sífilis materna confirmados, 142.009 (56,7%) foram diagnosticados durante o pré-natal, 79.975 (32,0%) no momento do parto/curetagem e 15.993 (6,4%) pós-parto. Identificou-se que 203.889 (81,4%) gestantes realizaram pré-natal, enquanto 32.898 (13,1%) não o fizeram, e 13.523 (5,4%) não haviam registros. Apenas 145.220 (58%) das gestantes receberam tratamento e em 135.693 casos (54,2%) o parceiro não foi tratado." A sífilis congênita mantém-se com altas taxas de notificação, especialmente nas regiões mais populosas. O perfil epidemiológico demonstra vulnerabilidades sociais, com falhas no tratamento de gestantes e parceiros como fatores críticos.